

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM JOGOS ONLINE: MANIFESTAÇÕES E CONSEQUÊNCIAS

Sáskya Jorgeanne Barros Bezerra (saskyalu@hotmail.com)¹, Aparecido Daniel Lino da Silva², Francisca Tamiris Pereira de Souza³, Laríssia Cândido Cardoso⁴, Richard Mairon Silva Sousa⁵, Regiane Clarice Macêdo Callou⁶, Grayce Alencar Albuquerque⁷.

A violência contra a mulher é definida como qualquer ato baseado no gênero, podendo levar à morte, agravo ou sofrimento à mulher. Sabe-se que este agravo pode se manifestar em diversos meios, dentre eles, àqueles vinculados aos recursos tecnológicos. Nos games, sua cultura carrega um viés digital machista desde a sua criação na indústria de entretenimento. Objetivou-se investigar a percepção de jogadoras quanto a ocorrência da violência contra a mulher em jogos online. Trata-se de um estudo transversal, descritivo e de abordagem qualitativa, realizada de julho a outubro de 2018, com mulheres que jogam algum tipo de jogo online e que sofreram/sofrem violência em jogos virtuais. A técnica de recrutamento das jogadoras foi definida como bola de neve. Utilizou-se uma entrevista semiestruturada para coleta, que foi finalizada por saturação. Os dados foram analisados à luz da literatura pertinente. A pesquisa tem parecer ético (2.821.626). Durante a pesquisa, participaram 13 mulheres, a maioria com 20 a 35 anos, solteiras e estudantes 92,3% (n=12). Parte das manifestações de violência nos jogos se dão por xingamentos estereotipados. Quando questionadas sobre a repercussão da violência sofrida no ambiente virtual para seus dia-a-dias, todas as participantes 100% (n=13) afirmam que essas violências repercutiam negativamente, pois muitas relataram abandonar a partida ou deixar de jogar um jogo específico, a partir da violência sofrida. Observa-se que o ambiente de jogos online é um local de disseminação de violência e que o mesmo tem impactado negativamente a vida dessas mulheres.

Palavras-chave: Violência, Mulher, Jogos online.

¹ Discente do curso de Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri, bolsista pela PROEX, membro Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão, do GPESGDI.

² Discente do curso de Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri, bolsista pela PROAE, membro Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão, do GPESGDI.

³ Discente do curso de Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri, bolsista pela PROEX, membro Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão, do GPESGDI.

⁴ Discente do curso de Direito pela Universidade Regional do Cariri, bolsista pela PROEX, membro do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão, GPESGDI.

⁵ Discente do curso de Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri, bolsista pela PRPGP, membro Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão, do GPESGDI.

⁶ Enfermeira, Mestranda no Curso de Mestrado Acadêmico em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri – URCA, Especialista em Enfermagem em Situações de Urgência e Emergência (FIP), membro do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão, GPESGDI.

⁷ Enfermeira, Doutora em Ciências da Saúde pela FMABC, Professora Permanente do Mestrado Acadêmico de Enfermagem da URCA e do Mestrado Profissional da RENASF – URCA, Professora Assistente do Curso de Enfermagem – URCA, Coordenadora do Observatório da Violência e Direitos Humanos do Cariri – URCA, Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão (GPESGDI), Tutora do PET Enfermagem URCA